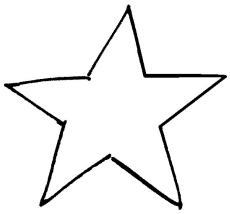
Rinaldo

MENINA DAS ESTRELAS



MELHORAMENTOS

Ziraldo



MENINA DAS ESTRELAS



MELHORAMENTOS

COINCIDÊNCIA

"All in the golden afternoon
Full leisurely we glide;
For both our oars, with little skill,
By little arms are plied,
While little hands make vain pretence
Our wanderings to guide."

Esses versinhos em inglês aí são o começo de um poema de sete estrofes escrito por Lewis Carroll para abrir e explicar seu livro *Alice no País das Maravilhas*. A coincidência está – vocês vão ver – no fato de os versos dizerem exatamente o seguinte: "Juntos, numa tarde dourada – *como sob um sol brasileiro* –, remávamos despreocupadamente – *reunimo-nos*, *tranquilos* – conduzidos por mãos ainda inexperientes – *na opinião de Lewis Carroll*. As meninas, que eram as remadoras, tentavam decidir – *ou decidiram* – a direção que o barco devia tomar".



Era uma vez uma menina
– e muitas meninas mais –
num desses momentos bons,
numa tarde, numa escola
cheia de luz e de sons.

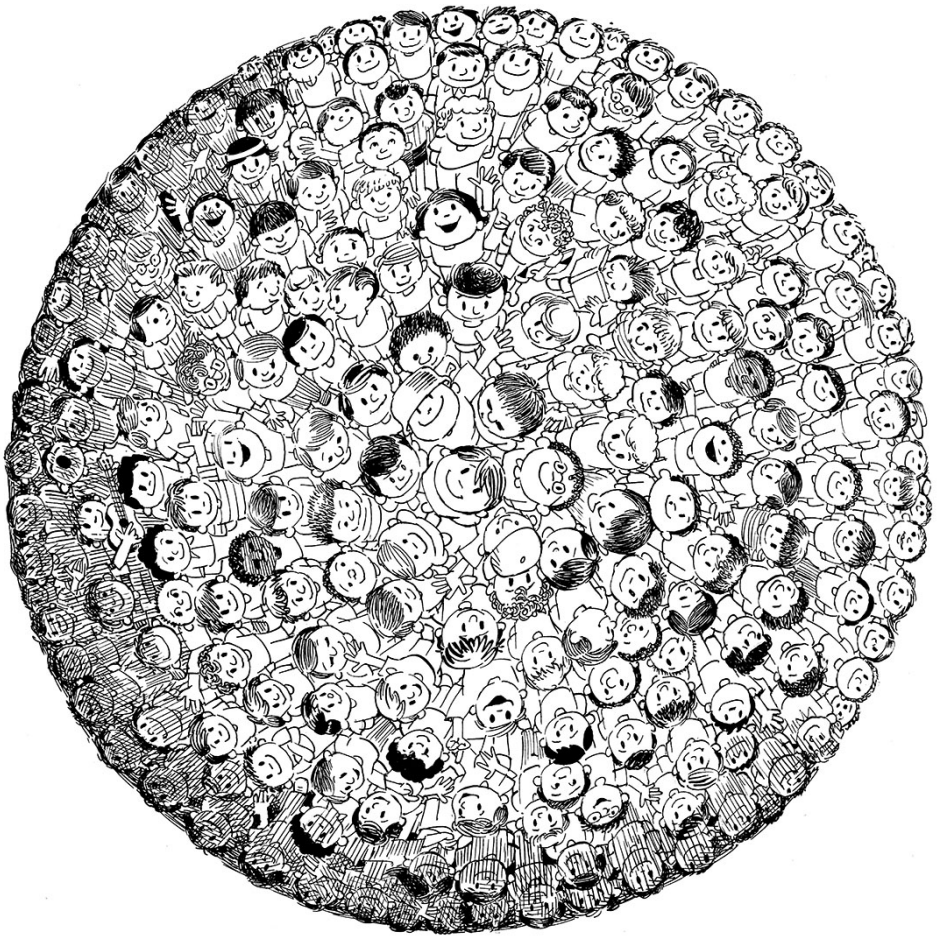
No meio daquele grupo
se encontrava o velho avô
(um que a profissão que tem
é escrever pros meninos
e pras meninas também).



A menininha em questão
– pequena dona do tempo –,
com um livro aberto na mão,
fez, direta, uma pergunta
com ar assim de quem diz:
“É bom prestar atenção!”
Vamos ver o que a pergunta
da menina insinua:
“No livro que você fez,
quem é o Menino da Lua?”

Imaginem só vocês:
a pergunta era pra mim,
o velho avô que escreveu
e desenhou a história
dos meninos do espaço,
brincando nos seus planetas.
Eu lhe respondi, então:

“Conheço este menino,
desde muito pequenino,
saltando na paisagem
como um astronauta na Lua
ou um cabritinho selvagem,
a sonhar que seu satélite
possa tornar-se um planeta
pra ele poder brincar
na turma de outros meninos
que ele crê que não o aceita”.



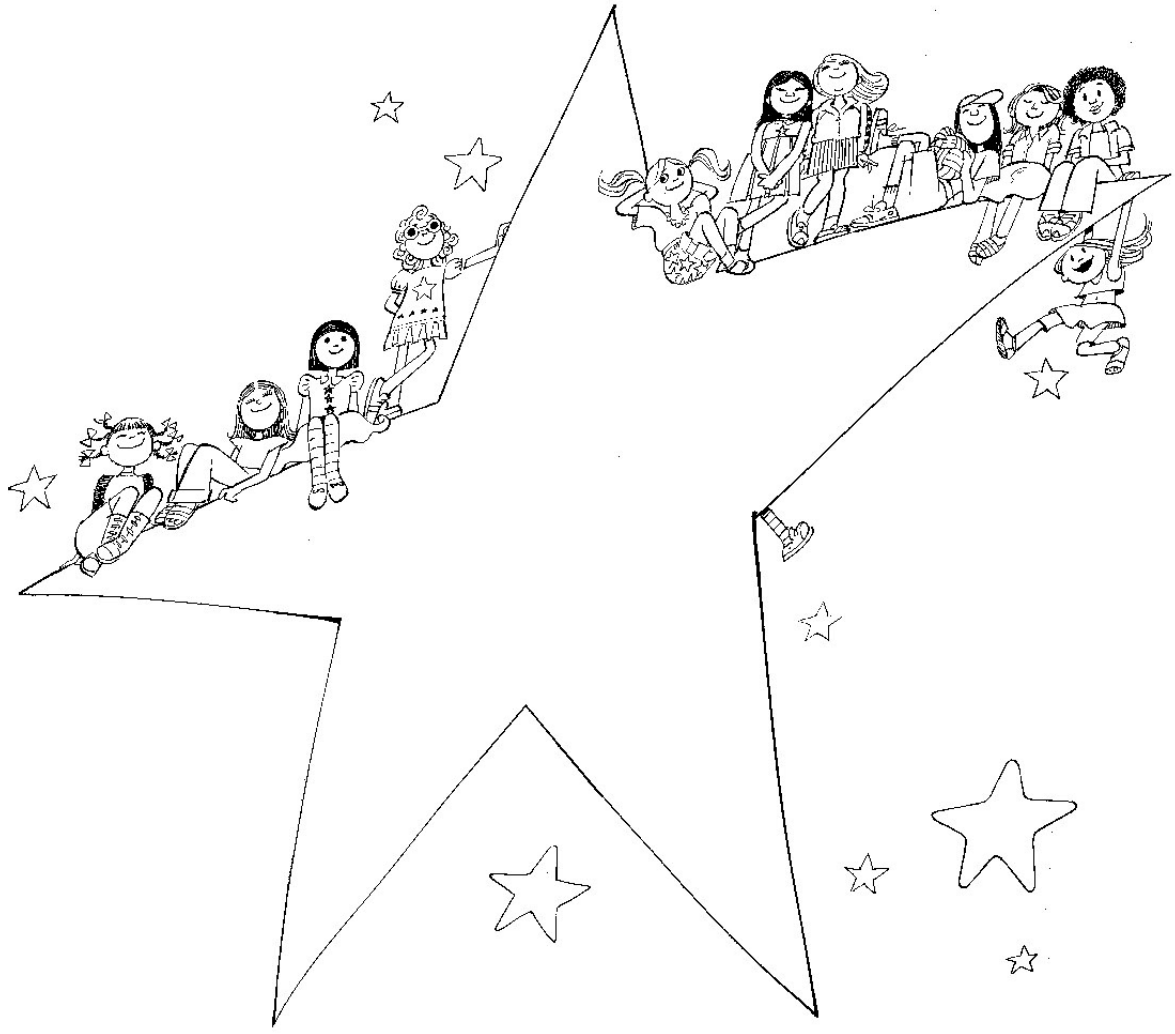
Então,
a mesma menina
fez uma outra
pergunta
que, sem sair
da questão,
questionou
– pra clarear –
o que de
despercebido
havia solto no ar:
“Por que é que
você não pôs
meninas
nos seus planetas?”



Levei um susto, meninos!
Que menina mais sabida!
Mas respondi-lhe de pronto:
“Veja bem, minha querida,
os contos que às vezes conto,
colhidos assim no espaço,
os livros que às vezes faço
são histórias de invenção,
são uns contos de menino
inventados e escritos
nessa exata condição.

No meu tempo de menino,
eu era um menino assim:
para mim, uma menina,
se não me falham lembranças,
era coisa inalcançável,

uma Rapunzel sem tranças!
Eu sonhava que minha mãe
me desse, um dia, uma irmã
pra levar-me até o mundo
onde as meninas reinavam.
Elas eram, no meu sono,
um sonho muito distante".



Com seus cadernos de notas,
seus desenhos e cartinhas,
bilhetinhos e perguntas,
as meninas da escola
ouviram, com olhar maroto,
minha aflita explicação.

Me olharam firme nos olhos
e com aquele sorrisinho
de superioridade
decidiram esclarecer
o motivo que explicava
– na opinião de todas –
por que não botei meninas
girando em torno do Sol

no livro que escrevi.

E me falaram, em coro,
bem seguras, com a intenção
de que, com toda a certeza,
eu pudesse entendê-las:
“Tudo bem, é que meninos
são, de fato, dos planetas,
mas as meninas, anote:
meninas são das estrelas!”



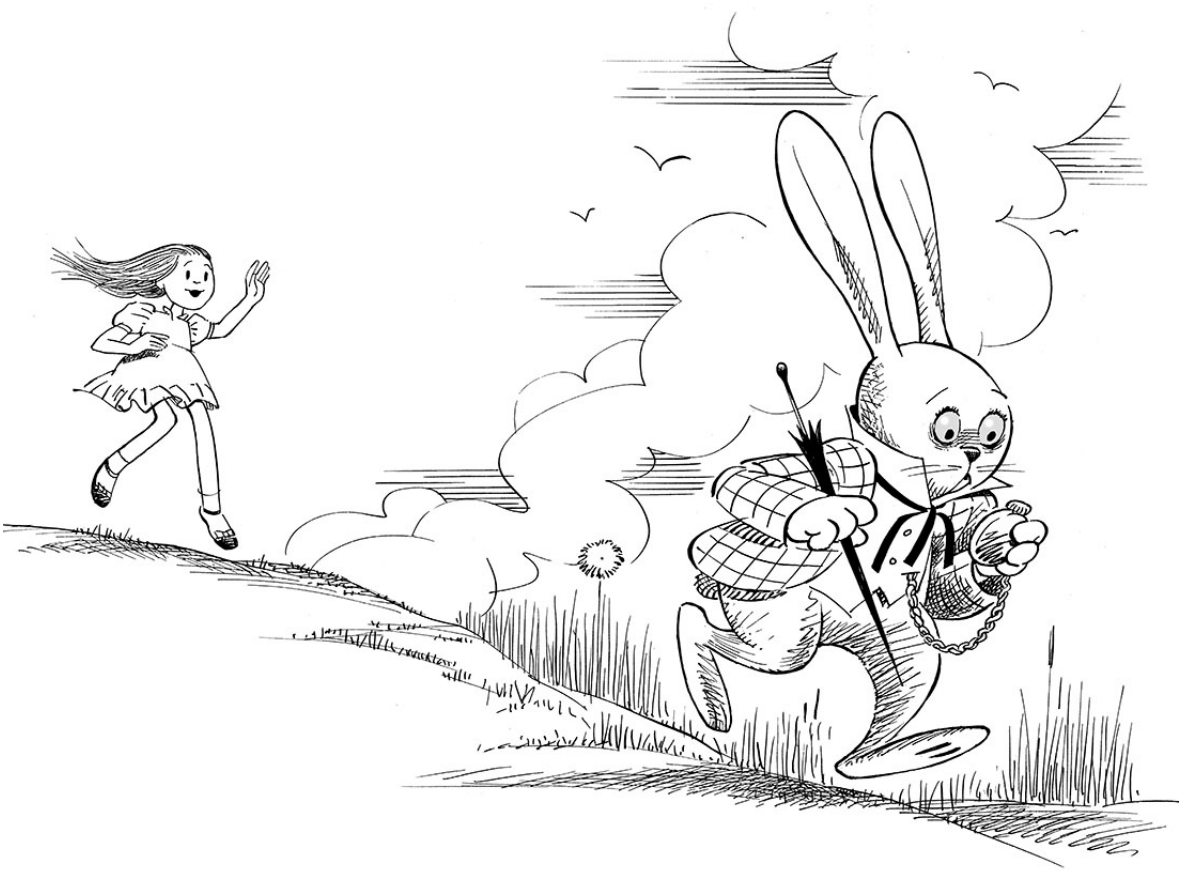
Foi uma iluminação!
Nunca, na minha vida,
com tamanha rapidez,
aprendi uma lição.

Vejam o que descobri,
como um atento menino
dos tempos de antigamente:
as meninas a meu lado
– era eu que estava certo –
de mim não estavam perto.
Tal qual planeta – ou menino –,
eu, certamente, girava
em torno do velho Sol,
enquanto cada menina
era, de fato, uma estrela!
Agora sei que os pontinhos
que pisca-piscam no céu

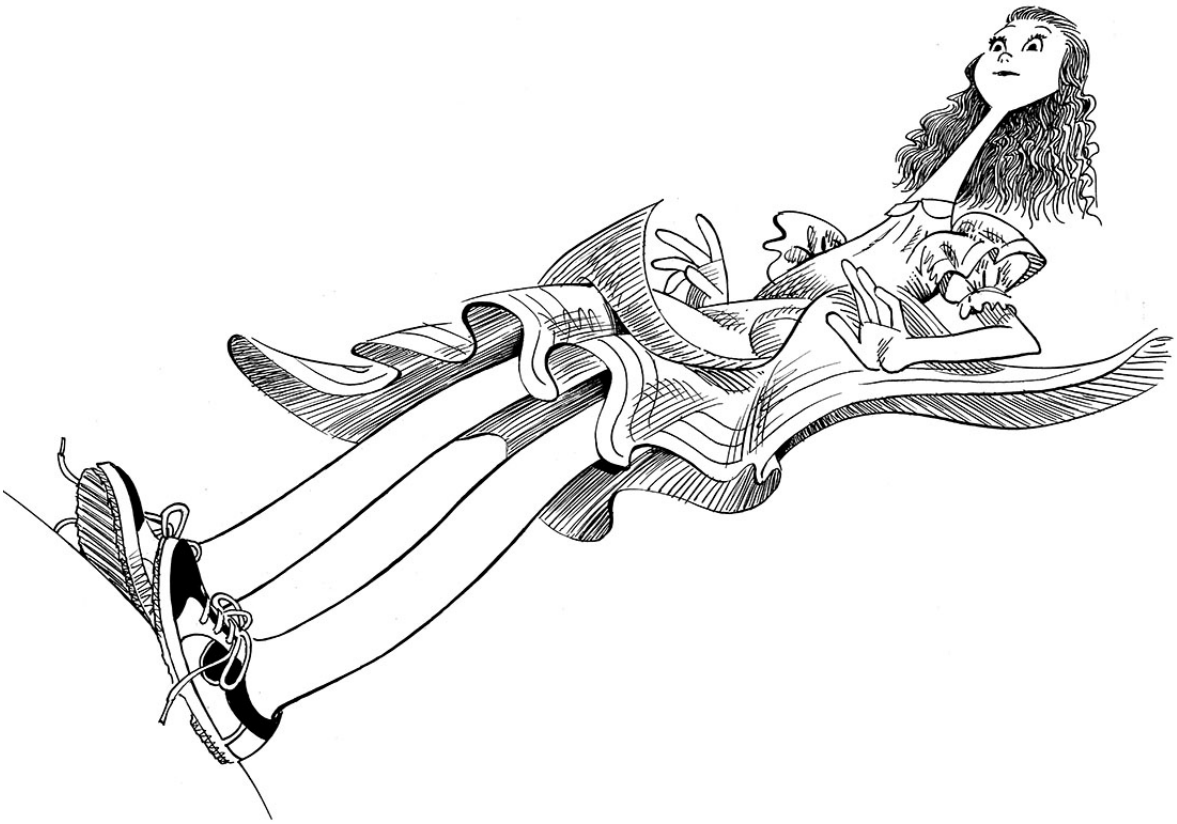
não são sóis incandescentes,
brilhando em suas galáxias.
São os olhos luminosos
das meninas, esperando
a nossa cumplicidade
e o nosso entendimento
dos meneios, dos mistérios,
das astúcias femininas.
Ora (direis), é preciso
ouvir e – mais – entender
as estrelas e as meninas.



Agora eu vejo, meninos,
como é que foi para mim
demorado entendê-las!
Não que a culpa seja delas,
não que Deus as tenha feito
mais doces, mais delicadas,
com os pés mais pequeninos
que nossos pés de meninos.
Não que sejam diferentes,
com olhos que veem mais,
mãozinhas mais diligentes
– mais ágeis, mais criadoras –
e a incrível capacidade
de entender o que há em volta,
de apartar o Mal do Bem
com uma sagacidade
que o menino não tem
(embora o menino corra
numa estrada de verdade
por hora fazendo cem).



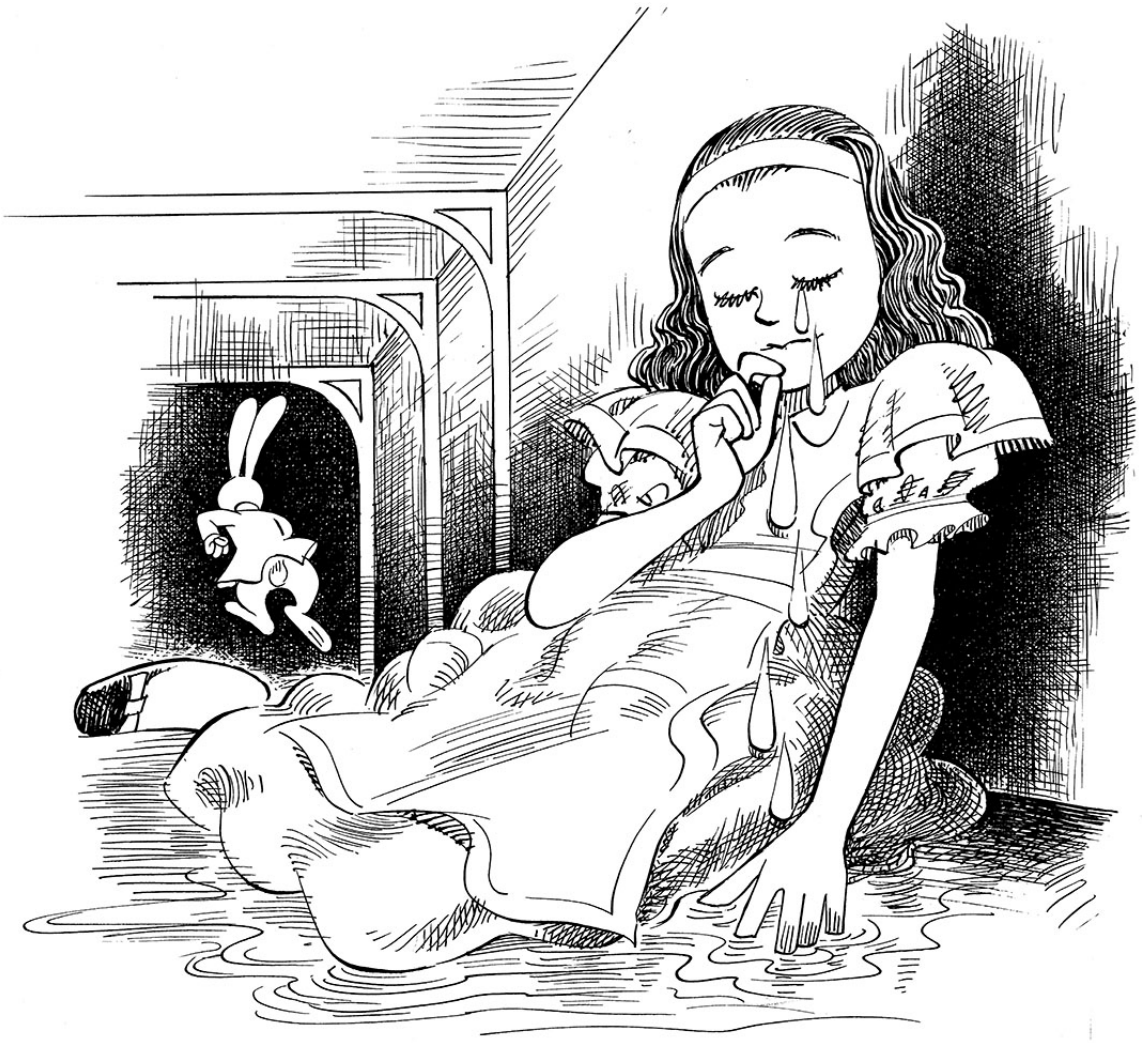
Menina é feita, primeiro,
de sonhos; basta olhar
seu olhar de quem caminha
com a pressa de chegar
ao fundo de um oco mágico,
pra onde – com seu colete,
um relógio de corrente
e passos muito apressados –
um agitado coelho
de olhos muito vermelhos
a conduz com a certeza
de que estão sempre atrasados.



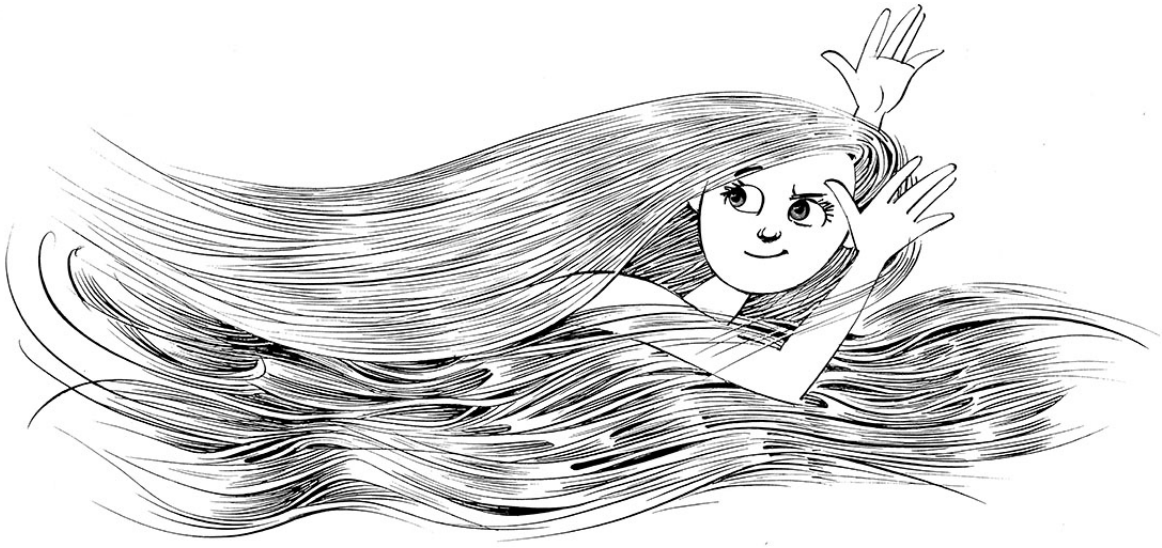
Menina, como se sabe,
não tem força de menino,
mas tem a enorme coragem
de se jogar, por inteiro,
no poço de seu destino.
Pela coragem, menina
sabe ficar pequenina.
E, também, no mesmo instante
– quando menos se espera –
menina vira um gigante!

Pode fazer seu pescoço
bem maior que o da girafa,
mais comprido que uma cobra
e ficar bem lá de cima
a olhar lá embaixo o chão;
pode crer que os seus olhos
já não podem mais saber
dos seus pés a direção:
a cabeça lá no céu,

os pés talvez no Japão.

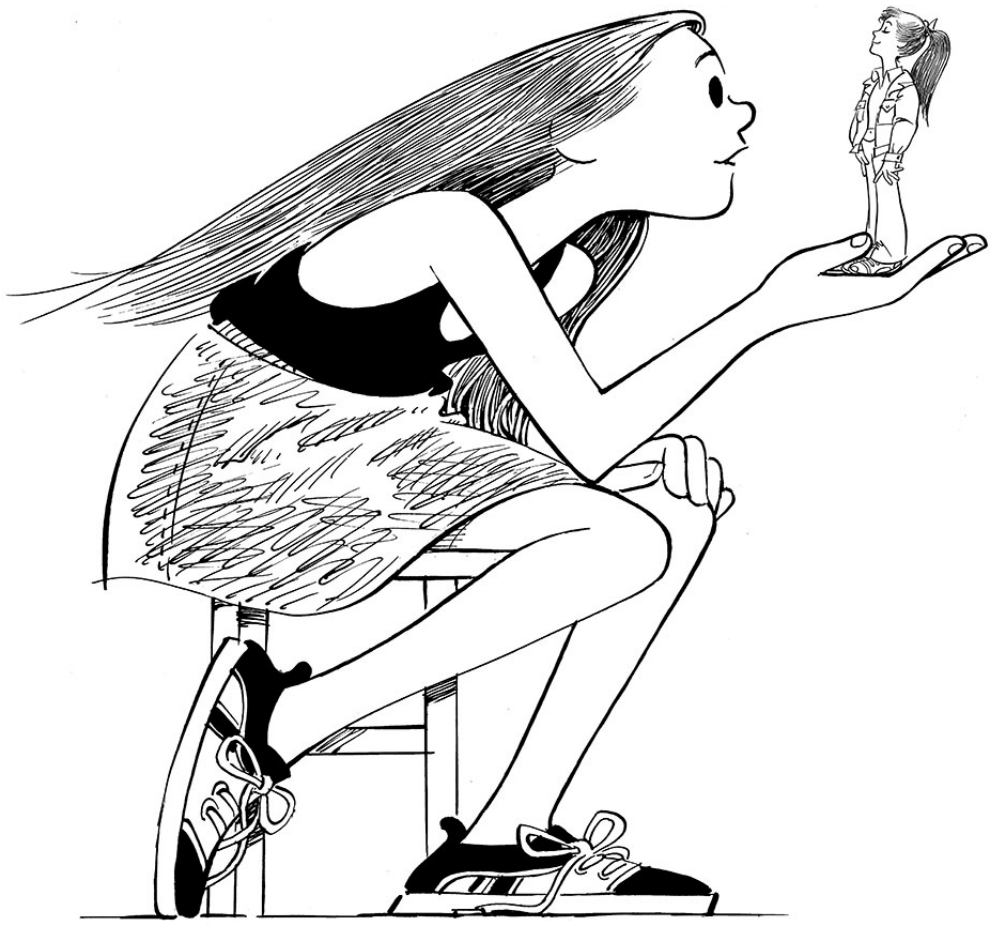


Quando o tamanho do susto
é maior que seu espanto,
o seu mundo vira um canto
onde a menina se encolhe
e ali se põe a chorar.
Derrama, então, tanto pranto
que inunda o mundo inteiro:
um oceano no canto
onde ela vai se afogar.



Mas, resoluta, a menina,
nas águas do lagri/mar,
sai nadando de braçada
e, na luta renovada,
a vida é nova outra vez.
Os olhos de uma menina
são maiores que seus olhos
e guardam em sua retina
o que veem (o que não vê
quem acha que já viu tudo).

Se eu pudesse explicar,
com uma palavra apenas,
o que um olhar de menina
nos revela, com certeza
eu diria: “Esperteza!”
Mas,
no melhor bom sentido
e da maneira mais certa:
“Deus do céu, que coisa linda,
como a menina é esperta!”



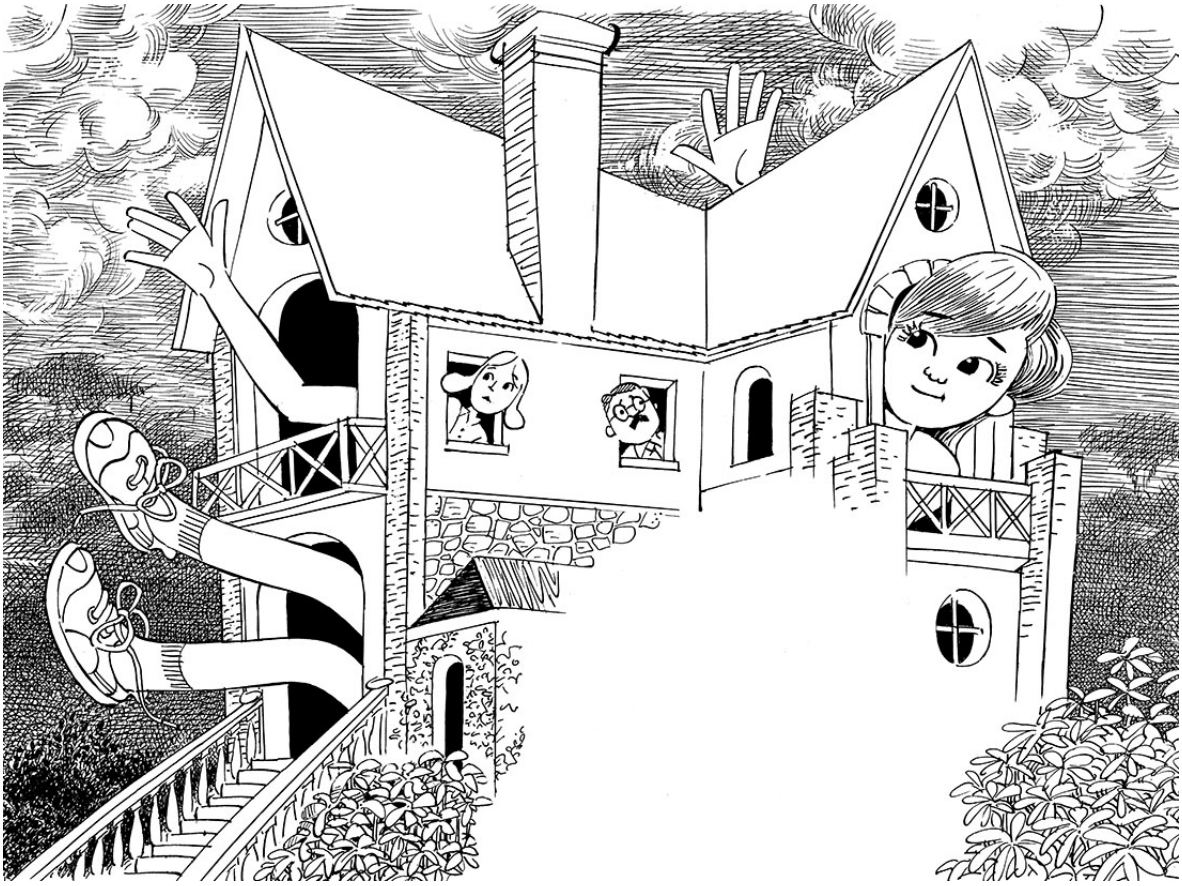
Não existe, porém, na vida
ninguém que seja, na Terra,
mais distraída que ela!
E nem é contradição!
Poucos podem imaginar
do que a menina é capaz
em termos de distração.
Perde tudo, perde o rumo,
perde chave e direção.
Pra lhes dizer a verdade,
perde até a identidade,
como a gente, certamente,
até já leu por aí.
Na hora da aflição,
já não sabe mais direito
desempenhar seu papel.
Mesmo certa, por exemplo,

que seu nome seja Alice,
pensa que é Ada ou Mabel.
Mas, certo, não é por isso
(por não saber se é Alice,
por não saber se é Mabel
por não saber se é Ada)
que ela fica parada.



Menina se move rápido,
é danadinha de craque
pra achar a sua rima.
Acha chaves (outras chaves),
abre portas (outras portas)
e dá a volta por cima.

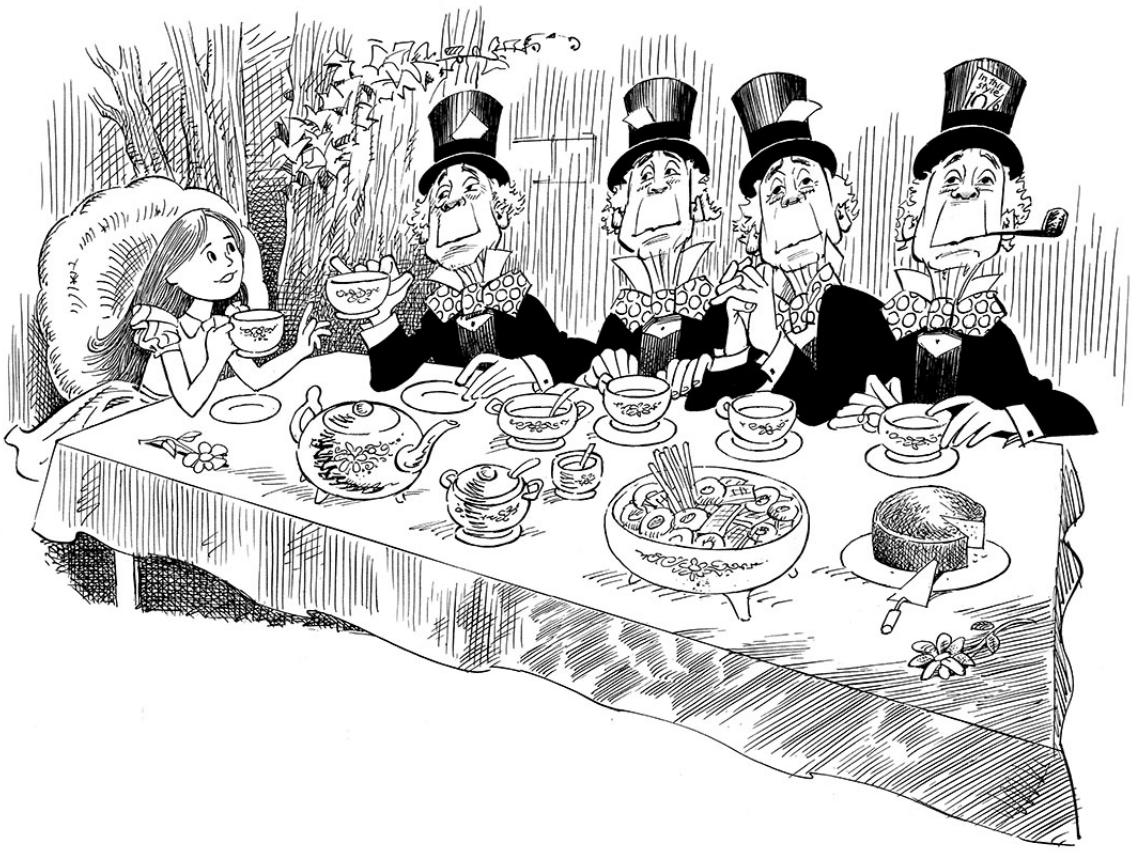
Menina, às vezes, não cabe
no espaço que tem em volta.
Pode, bem pequenininha,
sem nunca perder o pé,
crescer descomunalmente
– como já fez uma Alice –
e ocupar um sótão inteiro,
sem saber sótão o que é
(assim como o Maluquinho).



Menina pode deixar
mãe e pai bem assustados
sem saber notícias dela,
pois cresce assim de repente
e escapa pela janela.
Primeiro saem os braços
e, pela porta da frente,
saem os pés, saem os joelhos
saem as pernas, de repente.



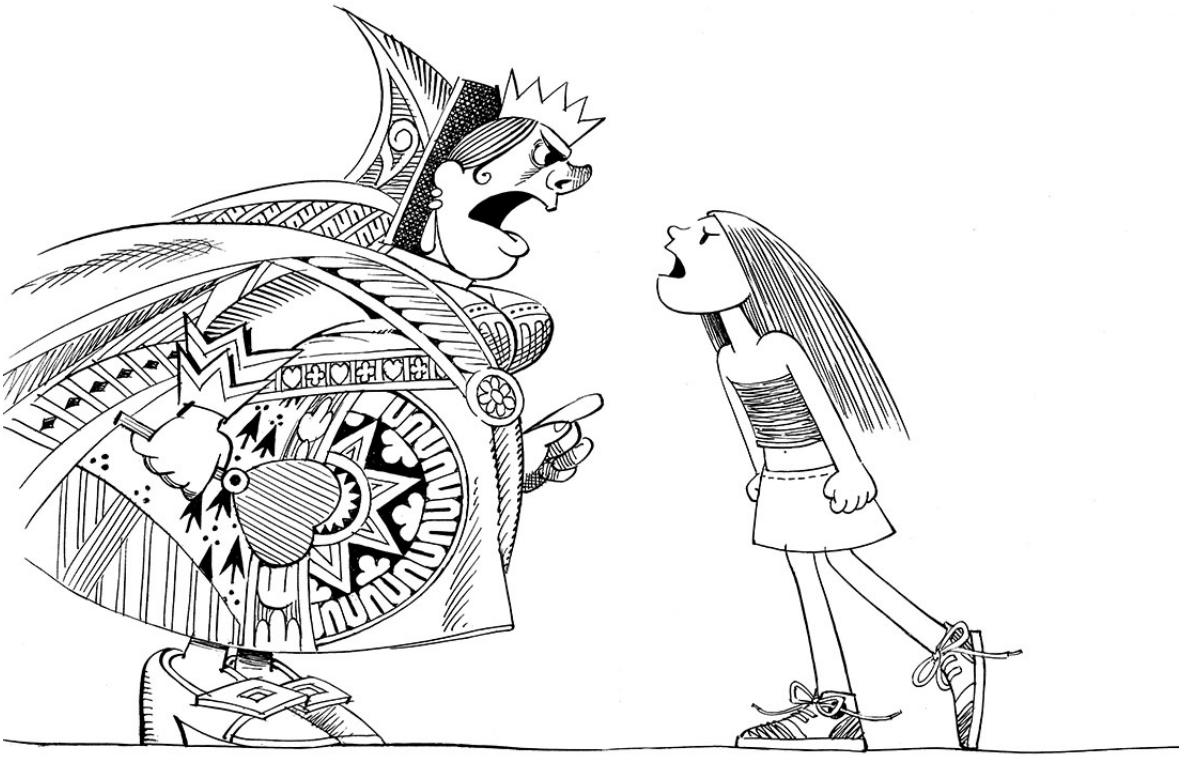
Como dizem nossos hinos:
"com denodo e galhardia"
ela sabe mergulhar
na mais louca fantasia.
Às vezes, quando achamos
que está falando sozinha,
ela está é conversando
com os bichos mais estranhos,
como se fosse normal
ter com eles – imaginem! –
um assunto pessoal.



Só ela sabe o gostinho
de um chá de faz de conta
– com biscoitinhos caseiros –
tomado na companhia
de malucos chapeleiros.



Sem qualquer explicação
que justifique seus atos,
a menina, divagando,
gargalha com muito gosto
com desgovernados gatos...



A menina decidida
desafia o mundo inteiro
e, inteira, neste sonho,
enfrenta até uma rainha
– mais a sua majestade –
pra na hora de acordar
sonhar que tudo é verdade.



Depois da viagem feita
de estranhas maravilhas,
de mistérios e de encantos,
ei-la de volta, contente,
tomando, tranquilamente,
seu lanchinho no jardim.
A menina é assim.

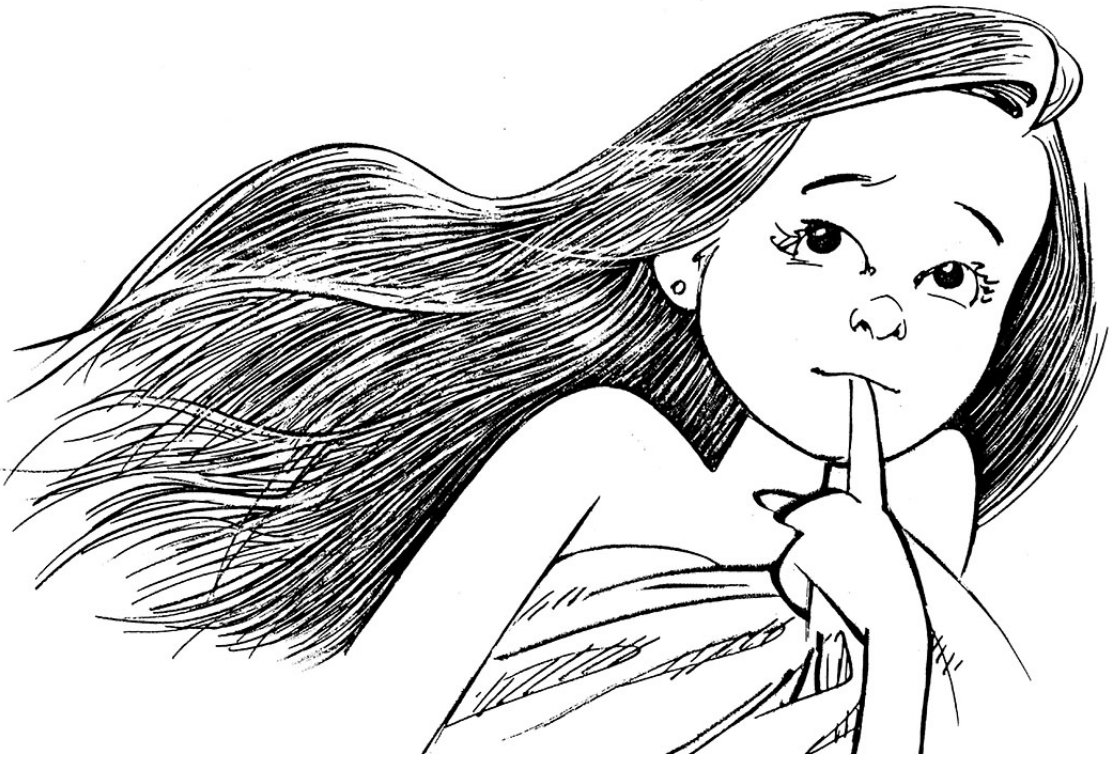


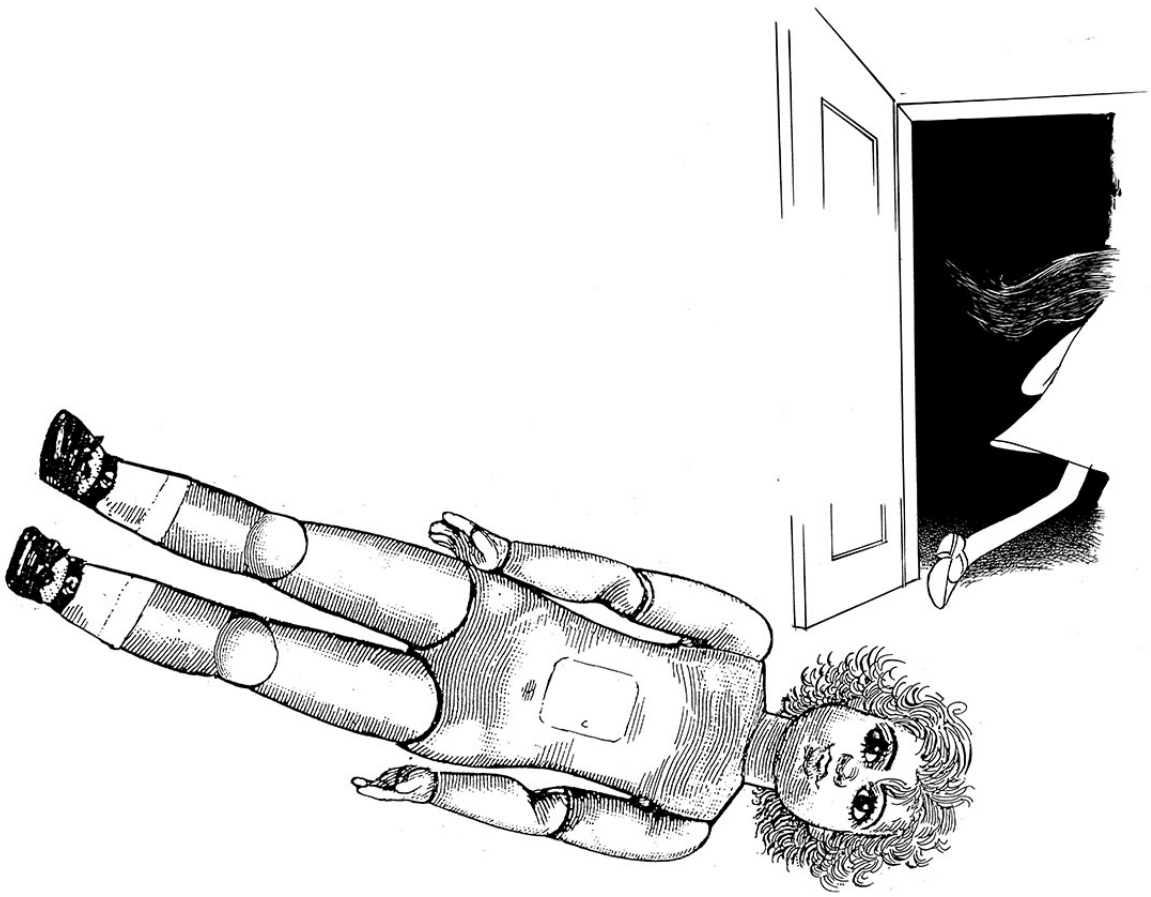
A menina começa
na menina.
Tenho dito!
(Como um dia
que começa
e promete
ser bonito.)
Ela é um ser
finito nela mesma,
podem crer.
Não é nunca

um vir a ser,
pois que é na
própria menina
que ela mesma
termina.



Menina é o seu presente,
seus gestos soltos no ar,
seus sustos, sua emoção,
clicados, constantemente,
de uma câmera escondida
na nossa imaginação.
Menina é como um casulo.
Melhor:
Menina é um casulo!
Que, sem ânsia ou aflição,
guarda ali sua crisálida
(e uma adivinhação).





Essa menina, meninos,
que são todas as meninas
que aqui estou dedicado
a entender – e descrevê-las –,
é a menina que, agora,
passo a chamar, encantado,
de menina das estrelas.

Eis que ela fica *pronta*
depois de um tempo de vida
que a boneca é que conta:
é justo quando a boneca
começa a ser esquecida.

No impercebido susto
em que esse instante acontece,
o mágico encanto dá-se:
é nesse exato momento

que nossa menina *nasce*.
A boneca que, pra ela,
era filha – de verdade –
passa a ser só um detalhe
do seu quarto de menina.
(Vira a primeira saudade.)



Há uma Parada no tempo
– com clarins e fantasias –
onde todos desfilamos.
Nessa aqui podemos ver
a menina das estrelas
no seu desfile completo.
É fácil reconhecê-la
(ou: fácil reconhecê-las).
Para ela – ou para elas –
o tempo é feito de luz.
Sabe a luz daquele foco
que no teatro ilumina
o pedaço principal
da história que se conta?
É a luz de que falamos.
E essa luz nos ensina
quando seu tempo começa
e quando ele termina:
eis o tempo iluminado
da *duração* da menina.



Em uma existência inteira
o tempo de uma menina
é mesmo uma luz muito breve
(mas, pra ela, mais que leve,
é um tempo infinito).
Sendo a menina um casulo
– assim como já foi dito –,
ela vira uma borboleta
pronta a bater suas asas.
"Que são pétalas que voam",
como Clarice Lispector
ensinou para Andréa,
que lhe escrevia cartas
cheias de história e segredos,
de pensamentos e sonho
de menina das estrelas.
O que, sem sustos e enganos,
a menina Andréa era

nos seus belos nove anos.



Olho aberto para o mundo,
a menina das estrelas
já aprendeu que a vida
– que está em todo lugar –
não é feita só de rosas,
dessas que fazem o mar.
E essa é uma lição
que não se aprende num livro
escrito para crianças.
Isso se aprende vivendo
(mas esta é uma outra história)
e um livro como este aqui

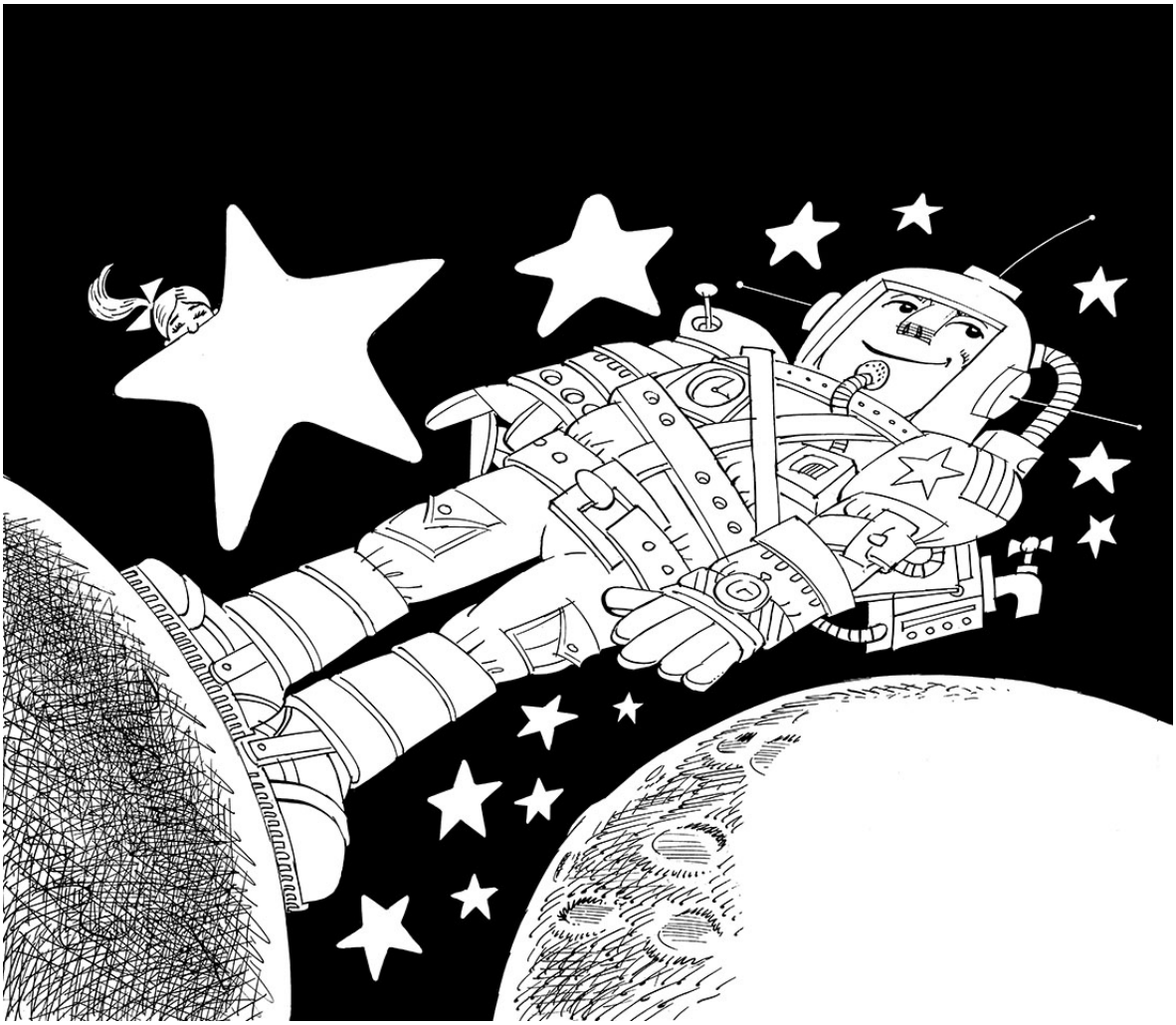
não é mesmo pra ensinar
esse tipo de lição
(ainda que uma ou outra
escape da nossa mão).
E não é que a menina
aprendeu, bem direitinho,
o que um certo menino,
um dia, ensinou pra ela:
os livros têm muitos lados
e um lado deste livro
é aquele que é só dela.

Olho aberto para a vida,
ela sabe que tem hora
de conversar abobrinha,
de jogar conversa fora,
de fazer prova de nada
e tirar um belo dez!

Tem horas do riso frouxo,
todas juntas, sem motivo.
Tem hora de aniversário,
tem hora de show ao vivo,
de comer só alegria:
pipoca doce e salgada,
cajuzinho, marmelada,
brigadeiros e quindins;
todo doce de engordar:
sorvete, sucos, pudins,
cocada, mamão com coco
ou doce só de mamão,
as balas das mais docinhas
e, claro, as amargas não.

Essa é, sem qualquer dúvida,
a hora melhor do mundo
para ouvir a mamãe.
Aliás, pensando bem,
embora esteja lá longe
voando em seu vasto céu,

a menina das estrelas
ouve o que sua mãe lhe diz
com atenção permanente
(seja qual for a distância),
sem que, obrigatoriamente,
tenha que haver concordância...

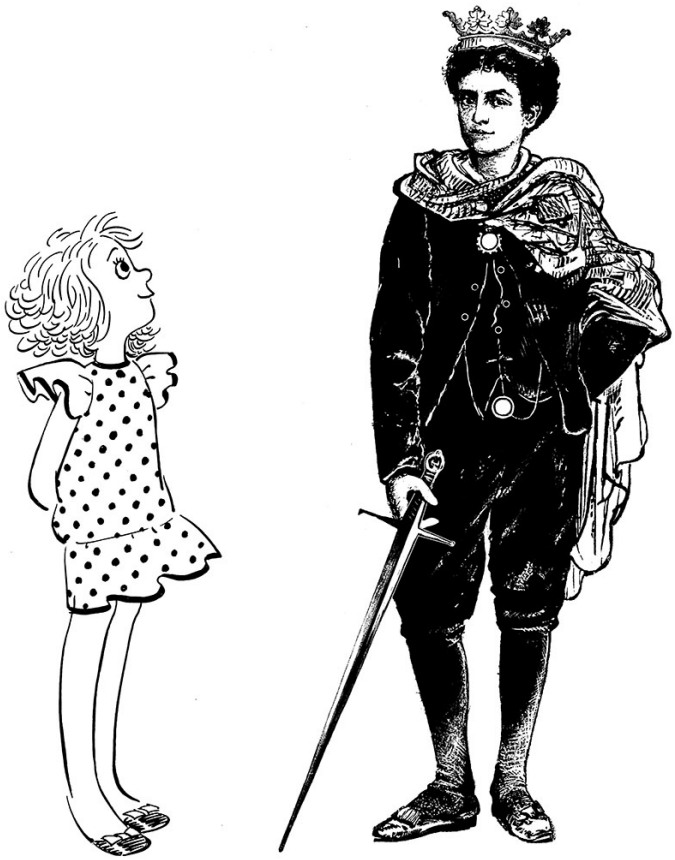


Elas acham que os papais
são mais do que astronautas
e voam longe demais
com estilo e elegância;
são os heróis de sua infância,
uns cavaleiros sem par
(ainda que estejam certas
de que nem sabem voar).



Meninas querem crescer
e, sem pressa ou nostalgias,
tratam, diligentemente,
de ficar bem no retrato.
Não pensam em virar titias,
mas amam as tias que têm
e amam, mesmo, de fato!
É que uma tia, em geral,
(principalmente se é
a caçulinha das tias)
sabe como andar no tempo
de uma ou outra maneira
– coisa que a vida ensina –
e, aí, volta a ser menina,
vira, de novo, parceira.
(E as vovós não se importam

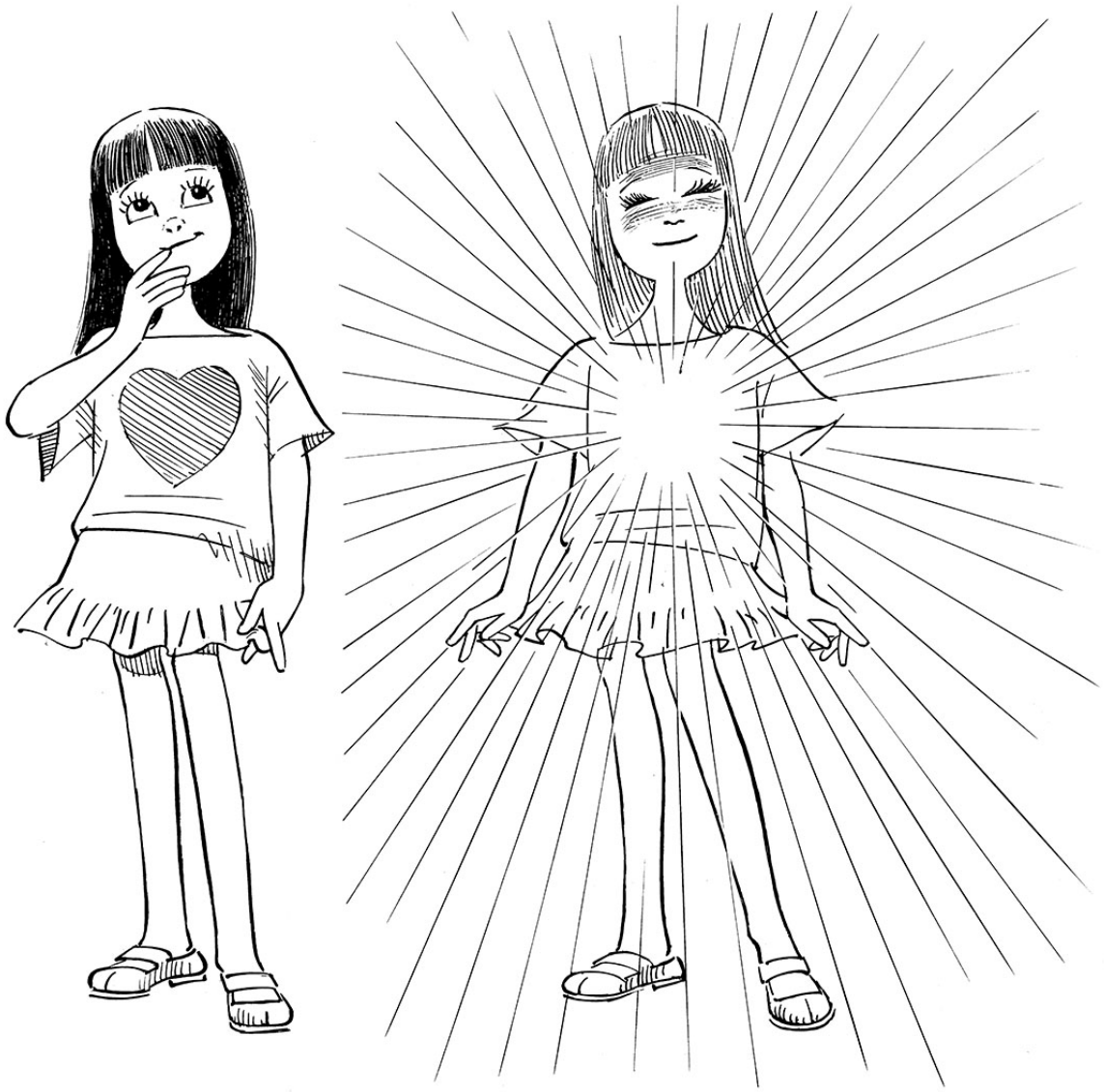
se, na contagem dos planos,
elas ficam em segundo,
pois sabem que sua neta
é a menina mais bonita
e inteligente do mundo.)



Tem mais uma história delas
que fica solta no ar.
Nunca a contam pra ninguém,
mas nós vamos revelar:
meninas sempre têm primos,
e acham que, pelo menos,
um (dos que vivem a seu lado)
tem a cara e o jeitinho
de um Príncipe Encantado.



Meninas falam de amor
(mas entre elas, somente).
Este é seu porto no tempo
– um instante persistente –,
o seu momento no espaço,
sua "mansão do amanhã",
que, como falou aos pais
um poeta muito sábio
chamado Khalil Gibran:
"Vós não podeis visitar
ainda que seja em sonhos".



Só as meninas conhecem
essa forma de amor
quando ele acontece
(e ele acontece sempre)
na vida de uma menina:
um suave sentimento
que dura uma eternidade.
Aliás, o tempo todo
da existência das meninas
(um tempo que, para nós,
parece um tempo fugaz
e é tão durável pra elas).
Seu amor é como um flash

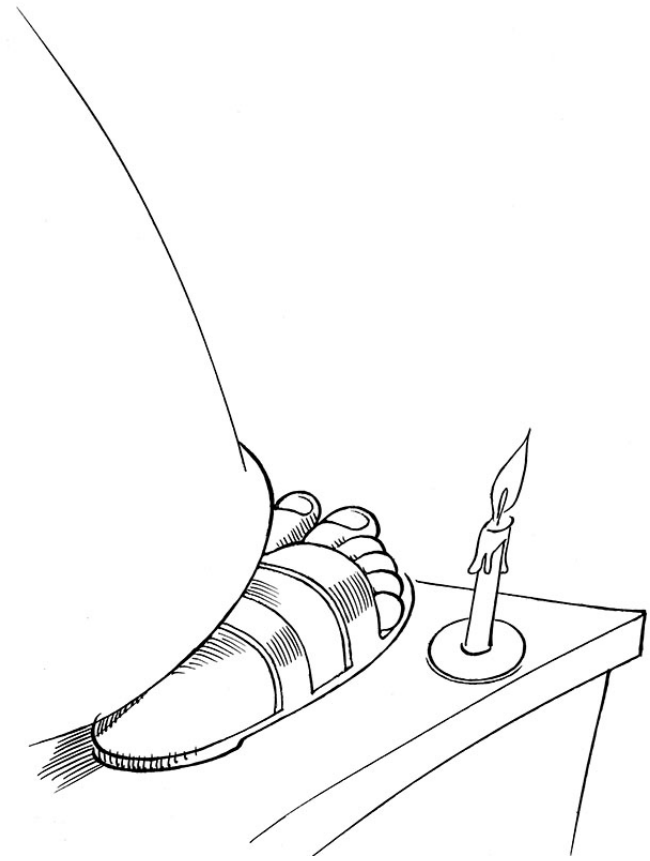
de uma câmera fotográfica
que ilumina o ente amado
e o deixa fotografado
na retina e coração.
E os dois – flash e amor –
duram o tempo do clarão.

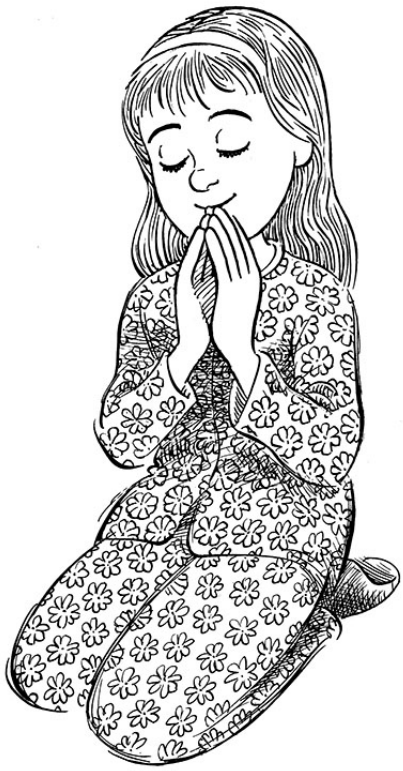


Meninas falam mentiras,
mas sem serem mentirosas
(este é um de seus milagres,
ou melhor: de seus mistérios).
Meninas são como rosas
– como a dos cartões-postais
que o avô de seu avô
mandava pra avó amada
nos tempos de antigamente.
Meninas são como rosas,
mas não é fácil colhê-las,
pois que elas têm espinhos
como têm ponta as estrelas.



Meninas não gostam muito
é de ser contrariadas
e dão um certo trabalho
para, então, se convencer
de que podem estar erradas.
E falam muito sozinhas,
ou melhor: pensam baixinho,
sobre seu jeito de ser;
alcançam bem mais depressa
que o resto da humanidade
o cantinho mais remoto
do seu próprio coração.
E sem que ninguém escute
chegam a uma conclusão
e repetem, com alívio:
“Meninos, eu sou terrível!”





Meninas têm, com certeza,
seu santo de devoção
– seu santo ou sua santinha –
e sabem rezar pra eles
na hora da aflição.
Meninas – sabem como é? –
nos momentos de perigo
têm como invocar, tranquilas,
os seus santinhos de fé.
Sem achar que é ousadia,
nunca entram numa prova
sem a sua companhia.



Para o santo predileto,
meninas, com devoção,
escrevem seus bilhetinhos
– em escondidos cadernos
ou só na imaginação –
e confiam, cegamente,
na sua doce proteção.

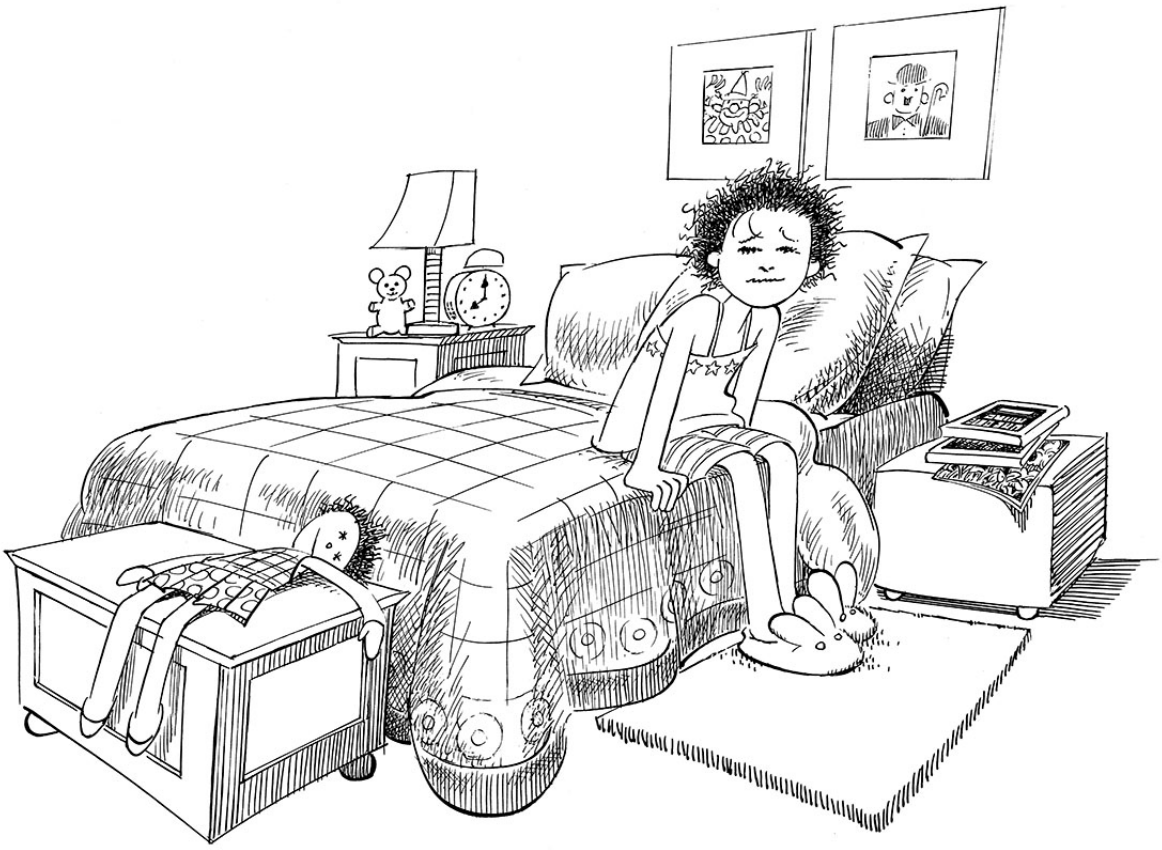
Suas velas são acesas,
e seus bilhetes escritos
com inteira confiança,
pois sabem que os santos sabem
ler coração de criança.



Meninas confiam muito
e têm enorme boa-fé:
uma dúvida atroz,
por exemplo, nunca sabem
exatamente o que é.
E ficam muito magoadas
quando não são entendidas,
mas também – aqui pra nós –
pra entender uma menina
é preciso viver muito,
virar um avô ou um sábio
(ainda sábio não sou,
me contento em ser avô).

É preciso ter cuidado

com o que se diz às meninas,
pois, como já lhes contei,
muitas vezes elas choram
por coisas bem pequeninas.
Meninas não aprenderam
ainda a bem calcular
a quantidade de lágrima
que merece cada dor.



As meninas das estrelas
às vezes acordam tristes
e perguntam a si mesmas
– como num verso longínquo
de um poeta do meu tempo
que enternecia as meninas –
por que suas mãos pequeninas
amanheceram tão frias,
discordando sem querer
“das humanas alegrias”.



Às vezes, elas acordam
– no dizer de gente antiga –
com o ovo *atravessado*
e aí não adianta briga.

Basta um pouco de cuidado,
um pouco de atenção
pra deixar que elas voltem
por sua própria decisão,
sem palpite algum a dar,
ao seu doce bom humor
(como elas sabem voltar).





Não há meninas
sem segredos!
E os delas
elas só contam
para a escolhida parceira.
Esta aí, por sua vez,
só conta seus mil segredos
à confiável companheira.
Segredos fecham a boca!
Sobre isso, não se fala;
entre elas, nem se toca.
Segredos entre meninas
são moedinhas de troca.



Os segredos da menina,
como eu disse (e provei?),
ela os têm muito escondidos
nos seus códigos secretos,
desses que ninguém desvenda,
no seu fechado diário
ou nas datas de sua agenda.

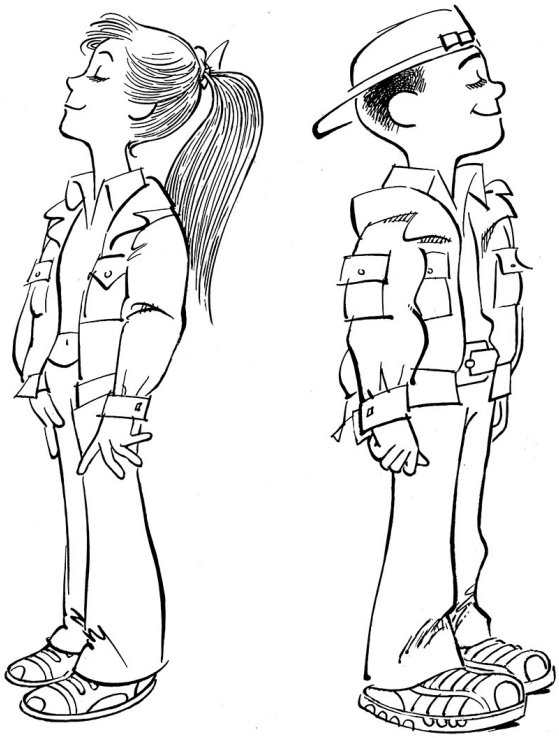




Às vezes, uma menina,
se voa longe demais
em busca de outros mundos,
deixa escapar seus tesouros,
seus segredos mais profundos
– que ela crê que conhece –
desvendando sua alma
– tão guardadinha
em outros meios –
num espaço virtual
onde, misteriosamente,
deixa todo mundo entrar
mesmo sem cumplicidade.
E faz de seu confessor
a tela de um monitor,
que é seu mais novo parceiro...
(Mas isso é uma nova história
que mal está começando
e ainda nem sabemos
onde é que vai dar.)



Muito bem, então sabemos
as meninas como são
(ou achamos que sabemos);
que elas sonham acordadas
(seja noite ou seja dia)
e conseguem essa magia
de despertar sem dormir.
Meninas conseguem ser
o luar de suas manhãs
e seu sol do anoitecer.
Nos seus sonhos, nós queremos
que elas ouçam sempre sim
às suas ânsias sonhadas.
E que, meninas, não sofram
por sonhar em demasia,
sejam, por nome, chamadas
Emma, Alice, Poliana,
Emília, Heidi ou Maria.



Vocês viram as meninas?
Elas sabem o que querem.
"Ou não!"
(Como diz, bem filosófico,
o poeta da canção.)
Digamos que elas saibam
realmente o que desejam,
mas amanhã pode ser
que elas queiram outra coisa,
e só nos resta dizer:
"Meninas são uma graça!"
Menina não é o feminino
de menino.
É outra raça!



A menina das estrelas,
que lhes mostrei do meu jeito,
termina aqui sua história,
que é a história de um tempo
muito mais do que perfeito,
o tempo mais luminoso
de sua existência toda
(que eu sei; e sei porque vi).

E esse tempo, meninos,
vê chegar o seu final
na figura que os antigos
poetas e trovadores
chamavam menina-moça
e que podemos chamar,
docemente, de mocinha
(com o seu rubro sinal
e seu jeito de rainha).



As mamães
que me desculpem,
também perdoem-me
os papais
(por mais atentos e sérios):
porque agora
estou achando
que aquele que
mais entende meninas,
com seus mistérios,
é este avô que lhes fala.
Que pode,
por ex-menino
num tempo
que já vai longe
e por rever na memória
todo o tempo que durou

a existência das meninas
(que hoje viraram mães
das netinhas que lhe deram),
dizer que agora ele sabe
o que é uma menina:
esta, feita de estrelas.

Daniela, me desculpe,
oh, me perdoe, Fabrizia,
e Verônica também
– cada qual por sua vez –
por demorar tanto tempo
pra eu entender vocês.

Manuela,
Nina
e Alice,
o que foi mesmo
que eu disse?

CONVERSA DE FIM DE LIVRO

Charles Lutwidge Dodgson foi um professor de matemática, nascido no século XIX na Inglaterra. Com o pseudônimo de Lewis Carroll, escreveu um dos livros mais famosos de todos os tempos: *Alice no País das Maravilhas*. Nas minhas viagens pelo mundo atrás de livros, percebi que a obra foi traduzida e adaptada para praticamente todas as línguas faladas na Terra. Não há um só grande ilustrador neste planeta que não tenha ilustrado ou sonhe em ilustrar uma edição de *Alice no País das Maravilhas*.

O livro narra a viagem maluca de uma menina através de um oco na terra, um longo sonho feito de absurdos e *nonsense*, uma sucessão de coisas que um velho mineiro chamaria de *bobajada*. Acontece, porém, que poucas obras literárias que conhecemos tiveram tanta repercussão, foram tão estudadas e interpretadas pelos mais diversos especialistas em todas as áreas do conhecimento humano, da matemática à filosofia. Cientistas retiraram nomes e epígrafes dos textos de Carroll para balizar e explicar suas teorias; insinuações das mais diversas foram descobertas em seu texto, desde a crítica aos costumes e à política inglesa de seu tempo até os mistérios da condição humana. Uma festa!

No trabalho de fazer meu livro sobre a menina das estrelas, descobri que, mais do que ser apaixonado por meninas, o professor Dodgson conhecia profundamente os mistérios de suas almas. Nas maluquices que acontecem com Alice, o que ficou revelado para mim foi a essência da condição feminina, no momento em que ela desabrocha neste ser mágico que é a menina.

Alice, quando suas aventuras no País das Maravilhas acontecem, está com pouco mais de oito anos; quer dizer, está começando a viver o exato tempo da menina das estrelas e, na sua aventura aparentemente sem sentido, vai nos mostrando – embora Alice esteja no fundo da terra – quem é a menina espacial que *inventei* para meu livro. Por essa razão, em mais da metade dele, usei os fatos mais marcantes da história de Alice como símbolo do que quero revelar sobre a menina, essa instituição magnífica.

Aqui estou eu nesse tipo de conversa que gosto de ter com os leitores quando acabo de escrever um livro. Acho que todo escritor gostaria de fazer isso. Até para esclarecer algumas dúvidas contidas no texto e nas ilustrações, embora um livro não precise, necessariamente, ser esclarecido para que o leitor o entenda ou goste dele. Vou apenas responder a algumas perguntas que sei que me farão.

Por exemplo: neste trecho, minha menina, assim como Alice, começa a ter o que os adultos chamam de "crise de identidade". Na tradução de Monteiro Lobato, Alice fica sem saber se ela é Cléo ou se é Zuleica, duas de suas amigas. Mas no texto original elas se chamam Ada e Mabel. Tem outra: por que tantos chapeleiros no chá de Alice e por que todos têm a mesma cara? Resposta: a cara dos meus chapeleiros é a caricatura da cara *oficial* do grande humanista inglês do século XX, o filósofo Bertrand Russell. É que os fanáticos admiradores de *Alice no País das Maravilhas* descobriram que Bertrand Russell, quando começou a mostrar seu rosto para o mundo, tinha ficado a cara do chapeleiro maluco do livro. Uma espécie das muitas premonições que se descobrem, todo dia, nessa obra de Lewis Carroll. Aproveitei para fazer, multiplicada, a brincadeira.

Neste trecho, cito o poeta árabe Gibran Khalil Gibran, cujo poema "Dos filhos" todos os pais e todos os filhos do mundo deveriam conhecer. Procurem na internet. Nesta parte, falo de outro poeta, o brasileiro J. G. de Araújo Jorge, que era a paixão das adolescentes dos meus tempos de colégio. Para impressioná-las, eu decorava vários de seus poemas. O poema citado chama-se "Tristeza" e começa assim: "Eu hoje acordei triste". Tem na internet também.

Neste trecho, citei as meninas mais famosas da literatura universal (incluindo a nossa Emília, que era uma boneca com alma de menina das estrelas). A única que vocês não vão achar na minha lista é a Emma. Refiro-me à Emma Bovary menina. As crianças que estão lendo este livro, quando crescerem, vão ler Gustave Flaubert. E aí vão descobrir porque acredito que Madame Bovary, quando criança, foi a menina mais sonhadora – tadinha! – de todos os tempos. Só espero que as meninas sonhadoras de hoje tenham um destino melhor, bem melhor. Afinal, sonhar é bom, principalmente se sonhamos sonhos bons. Ah, sim: os modelitos das minhas meninas são, na sua maioria, criações da figurinista de cinema e teatro, Verônica Julian.

Quando terminei de escrever *O Menino da Lua*, ocorreu-me que poderia fazer uma série de livros com os outros meninos que apareceram na sua história. Um livro para cada um, com nome e tudo, pois todos os meninos habitantes dos planetas do sistema solar ganharam identidade na minha história: Irmin, Vevé, Nan, Martim, Saturnino, Júpiter, Théo, Tuna e Plut.

Já estava terminando o primeiro dos livros quando fui convidado para o Salão Internacional do Livro de Vila Velha, no Espírito Santo. A professora Magda Feijó, da quarta série do Colégio Marista daquela cidade, que fez com seus alunos e alunas um trabalho com *O Menino da Lua*, levou-os para conversar comigo. E aí aconteceu exatamente o que eu conto no princípio deste livro.

Quando o sambista vê uma folha seca caindo de uma mangueira, ele diz para si mesmo: "Isto dá samba". Para as pessoas, digamos, normais, uma folha caindo de uma árvore é apenas uma folha caindo de uma árvore. Para um compositor, ela pode ser um belo samba. Quando uma das meninas da professora Magda me fez a pergunta: "Por que é que você não pôs meninas nos seus planetas?", falei como se fosse um sambista: "Isto dá livro".

Parei, então, de fazer o livro que estava fazendo sobre um dos meus meninos dos planetas – não teve outro jeito – e tratei de fazer este aqui, que chamei exatamente de *Menina das Estrelas*.

O livro termina, como vocês viram, com um desenho (dos mais bem feitinhos que já fiz) das seis meninas mais importantes da minha vida: Daniela e Fabrizia, minhas filhas, e suas filhas Nina (em pé) e Alice (na ponta direita). As outras duas são Verônica, mulher de meu filho Antônio, e a netinha caçula, Manuela, a menina dos dois. A elas dedico este livro.



P.S.: Ah, sim, tenho netos também, três: Miguel, Vicente e Joaquim (mas isso é outra história).

Ziraldo Alves Pinto nasceu em Caratinga, Minas Gerais, em 1932. Começou sua carreira nos anos 1950 em jornais e revistas como *Jornal do Brasil*, *O Cruzeiro* e *Folha de Minas*. Autor de livros infantis, ilustrador e cartunista, Ziraldo tem suas obras traduzidas para diversos idiomas, entre eles inglês, espanhol, alemão, francês e italiano. Seu maior sucesso, *O Menino Maluquinho*, atualmente com 112 edições e 3,5 milhões de exemplares, tornou-se um ícone da literatura infantil brasileira.

Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

© 2007 Ziraldo Alves Pinto
Assistência eletrônica: Charles Bertho e Fábio Ferreira
Conversão em epub: {kolekto}

Direitos de publicação:
© 2007, 2009 Editora Melhoramentos Ltda.

1.ª edição digital, novembro de 2014
ISBN: 978-85-06-07673-6 (digital)
ISBN: 978-85-06-05511-3 (impresso)

Atendimento ao consumidor:
Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970
São Paulo – SP – Brasil
Tel.: (11) 3874-0880
www.editoramelhoramentos.com.br
sac@melhoramentos.com.br

